

TRANSCRIÇÃO: MEUS PRÓPRIOS MEIOS, OFICINA G3

BASSPLAYERBRASIL.COM.BR

bassplayer®

○ BAIXISTA SOB HOLOFOTES!

BRASIL

melody
editora

BASS PLAYER Nº 16 • ANO 2 • R\$ 12,90
00016
9 772236 982108

BRUNO MIGLIARI
OS GRAVES DO
PROGRAMA
THE VOICE BRASIL

DICAS TÉCNICAS
INTERFACES

A ARTE DO
BAIXO SOLO

TESTES
AMP WARWICK BC150
PEDALEIRA ZOOM B3
BAIXO IBANEZ ATK800

MARCUS MILLER

O BAIXISTA REVELA DETALHES DO ÁLBUM RENAISSANCE
+ LIÇÃO COM 10 LINHAS DO MAGO DO SLAP

AULAS COM ÁUDIO NO SITE!

IMPROVISACÃO, LEITURA MUSICAL, TRÍADE MAIOR, NOTAS ABAFADAS E COLCHEIA SUIGADA



"O som das cordas Elixir é perfeito.
E ele se mantém assim por muito tempo."


- Bruno Migliari

Photo: Ana Paula Oliveira Migliari

Estendendo a vida útil do timbre como nenhuma outra corda

Toda vez que você toca seu instrumento, pequenas partículas invadem os enrolamentos das cordas, contaminando os espaços entre eles e destruindo o seu timbre. Elixir® Strings são as únicas cordas que mantêm a sujeira totalmente fora dos espaços entre os enrolamentos. Nosso revestimento patenteado ultra-fino NANOWEB® proporciona uma sensação suave e limpa, além de músicos nos relatarem que o timbre dura mais do que o de qualquer outra corda, com ou sem revestimento.

Saiba mais em: www.elixirstrings.com

 Distribuidor Autorizado 11.3797.0100

GORE, ELIXIR, NANOWEB, POLYWEB, GREAT TONE • LONG LIFE, ícone "e", e designs são marcas registradas da W. L. Gore & Associates. ©2011, 2012 W. L. Gore & Associates do Brasil.



BRUNO MIGLIARI

OS GRAVES
VERSÁTEIS DO
PROGRAMA
THE VOICE
BRASIL

RICARDO VITAL
FOTOS: ANA PAULA OLIVEIRA MIGLIARI





BRUNO MIGLIARI É UM INSTRUMENTISTA VERSÁTIL, não apenas por tocar tanto o contrabaixo elétrico como o acústico, mas também por usá-los a serviço de várias linguagens. Ele já acompanhou – no palco ou em estúdio – inúmeros artistas, como Frejat, Ana Carolina, Lobão e Milton Nascimento, só para citar alguns. Além disso, desenvolve interessantes projetos autorais, todos na seara do jazz, e foi o responsável pelas frequências graves do programa de televisão **The Voice Brasil**, da Rede Globo. Em entrevista, o músico comenta sobre cada uma dessas experiências, além de dar dicas valiosas a quem pretende atuar profissionalmente como baixista.

Você teve instrução formal. Estudou na Pro-Arte, com Adriano Giffoni, depois com Aurélio Dias e graduou-se bacharel em contrabaixo acústico pela UniRio. Como enxerga a importância de estudar com professores, em oposição ao caminho traçado pelo autodidata?

Conhecimento sempre agrega profundidade à expressão artística. Nunca subtrai. Há quem professe o contrário, mas é uma tremenda falácia. Basta pensar na arte literária: certamente há poetas analfabetos espalhados pelo mundo, e só nos resta imaginar o alcance que teriam se soubessem escrever. Aprendi muito com meus professores, não apenas sobre os contrabaixos acústico e elétrico, mas sobre música em geral, expressão artística e também sobre a vida. Dois deles foram especialmente influentes em minha formação: Aurélio Dias [que morreu em 26 de

agosto de 2012], com quem estudei baixo elétrico com ênfase nas linguagens do jazz, funk e soul, e Antonio Arzolla, meu mestre de contrabaixo na UniRio e, talvez, o maior contrabaixista de música erudita no Brasil. Eles são amplamente responsáveis pelo músico que me tornei. Também tenho grande gratidão ao meu primeiro professor, Adriano Giffoni, que me expôs à leitura, ao estudo da harmonia e aos ritmos brasileiros. De quebra, apresentou-me a Omar Cavalheiro, meu primeiro professor de baixo acústico, e ao maestro Eduardo Lopes, meu professor de teoria e percepção. Ele também me mostrou Weather Report e Jaco Pastorius.

Arrisco dizer que o preparo acadêmico é o diferencial que me favorece em audições para um trabalho, não importando o estilo. Por exemplo, em 1995, fiz audição para a banda do Lobão e, por tocar baixo acústico e saber ler e escrever partituras, fui escolhido. Quem poderia imaginar que isso era relevante para um artista como o Lobão? Mas naquele momento era, e acabei permanecendo na banda dele por cinco anos. Esse conhecimento também pesou a meu favor na escolha do baixista para o **The Voice Brasil**.

No entanto, isso não invalida a pesquisa autodidática. Nunca parei de estudar por conta própria, mesmo tendo concluído o bacharelado em contrabaixo acústico, em 1994. Continuei estudando com livros, play-alongs e videoaulas, transcrevendo linhas e solos dos discos... Um músico de verdade nunca para de aprender, praticar, se aprimorar no instrumento e se aprofundar na linguagem musical. A escola ajuda a incutir essa noção quando somos jovens, e a exposição ao conhecimento



nos ajuda a valorizá-lo. Mas é igualmente importante pesquisar as coisas sozinho, correr atrás daquela informação que não estava disponível na escola. Não acho que o caminho acadêmico e o do autodidatismo tenham de ser opostos. O ideal é que sejam complementares.

Você já declarou admirar muito Jaco Pastorius. Em termos técnicos, criativos e interpretativos, que qualidades destacaria no estilo desse baixista?

Jaco é um baixista paradigmático. Há o baixo elétrico antes e depois dele. Acho que isso tem a ver com a forma como ele conseguia se expressar tão plenamente em um instrumento relativamente jovem, muito mais do que pela sua técnica exuberante. Na verdade, é sempre assim: são os grandes artistas que revolucionam, e não os grandes técnicos. Para esses grandes artistas, como Charlie Parker, Jimi Hendrix, Glenn Gould e Stevie Wonder, a técnica é apenas um meio. É claro que a capacidade de se expressar artisticamente com um instrumento será maior na medida em que a técnica permitir fazê-lo, mas isso pouco adianta se você não tem o que dizer. E, definitivamente, Jaco tinha muito a dizer, fosse tocando uma melodia cheia de lirismo, como *A Remark You Made*, ou uma peça solo, como *Continuum*, ou quando tocava um groove repetitivo de dois compassos, como *Come On, Come Over*. Ele é sempre expressivo, contundente e imediatamente identificável. Isso é o que mais o diferencia de outros baixistas e de outros tantos músicos em geral: sua "voz" é única. E é sempre bom ressaltar: Jaco tirou o baixo "da caixa". Em suas mãos, o baixo transcendeu seu papel de acompanhante permanente e passou a ser um veículo válido para melodias e solos, sem abdicar de sua função primordial. Como ele mesmo dizia: "Women and the Rhythm Section first!" [Mulheres e a seção rítmica primeiro!]. Seu modo exuberante de tocar demanda atenção e atrai o ouvinte para a "cozinha", mesmo quando ele está desempenhando esta função primordial do instrumento. Isso é um atestado de sua expressividade.

Quais as técnicas que você mais utiliza no instrumento elétrico?

Misturo tudo. Claro, tenho minhas preferências e inclinações naturais. De saída, recorro sempre aos dedos – normalmente, utilizo os dois tradicionais; eventualmente, três dedos em passagens muito rápidas envolvendo tercinas. Reconheço ter tido preconceito com a palheta por muito tempo, mas, hoje em dia, uso-a com prazer para obter certos timbres que ela possibilita, especialmente combinada com pedais de efeito, como envelope filter, phaser e distorção. Gosto muito de slap, mas a gente tem de ficar atento à "polícia do slap", que ultimamente vem patrulhando os estúdios, palcos e ensaios no Brasil. Tem gente que não curte, acha cafona. Para mim, é uma técnica associada a uma linguagem que adoro, o funk, e é tão válida quanto qualquer outra. Há quem discorde de mim, mas sempre recomendo discos com Marcus Miller tocando. No baixo acústico, uso sempre dois dedos para pizzicato e adoro arco. Eu o tenho sempre junto ao instrumento e dou preferência ao arco na hora de tocar uma melodia ou mesmo improvisar. As possibilidades expressivas são enormes!

Você já tocou com um grande número de artistas, muitos deles cantores. Destes, alguns são também instrumentistas, como Lulu Santos e Frejat. Nesses casos, a comunicação fica mais fácil?

Certamente. Todo grande cantor toca um instrumento, isso é facilmente constatável. Na música pop, isso fica evidente. Faz toda diferença poder dizer ao artista que você vai "inverter o primeiro acorde do refrão no



INFO



MAIS ONLINE

- › Visite a página de Bruno Migliari no ReverbNation.
- › Veja o baixista tocando seu upright elétrico.
- › Confira o Facebook do músico.

www.bassplayerbrasil.com.br

BAIXOS ELÉTRICOS Fender Jazz Bass 1974 sunburst com escala de *rosewood*; Fender Jazz Bass 1977 com escala de *maple* e acabamento natural ("sou um 'Fender man'. Se tivesse de escolher um único baixo elétrico, seria um Jazz Bass, de preferência dos anos 70"); Fender Precision 1976 com escala de *maple*, captação PJ e acabamento natural; Fender Precision 1975 fretless com escala de *rosewood*, captação PJ e acabamento creme; Music Man Sting Ray 5 1991, preto, com escala de *maple*; dois Squier Vintage Vibe 2010, sendo um Precision 1957 Sonic Blue e um Jazz Bass 1975 fretless Olympic White ("são os instrumentos que levo para a estrada com o Frejat"); N. Zaganin Precision TL sunburst ("que recebi no início da temporada do *The Voice Brasil* e tenho usado direto no programa. Márcio Zaganin produz os melhores baixos elétricos no Brasil").

BAIXO ACÚSTICO "Tive a sorte de encontrar um super-instrumento logo que comecei a estudar contrabaixo acústico, em 1988, aos 17 anos. É um baixo acústico tcheco, feito de pinho europeu, no início do século passado. Tem mais de 100 anos!"

UPRIGHT ELÉTRICO NS Design CRT-4 ("é o substituto do acústico para as ocasiões em que a logística não favorece o 'instrumentão'. É o melhor upright que conheço, com um ótimo som de arco e pizzicato, além de ser muito ergonômico").

AMPLIFICAÇÃO Cabeçote Gallien-Krueger 80ORB e caixas Mesa/Boogie 1x15 e 2x10; ("para palcos grandes"), combo Hartke 2000 com falante de 15" ("para palcos pequenos") e um combo Behringer com falante de 12" ("para aquelas 'gigs de guerrilha").

EFETOS "Montei duas pedaleiras com basicamente os mesmos efeitos: uma dela com unidades EBS e a outra com MXR, Electro-Harmonix e Tech 21. Ambas têm DI/ pré-amplificador, envelope filter, oitavador, distorção, chorus, reverb e compressor."

CORDAS Elixir ("são as melhores cordas que conheço e recomendo-as sem hesitar").

EQUIPAMENTOS



segundo ritornelo” sem que ele olhe para você com cara de paisagem. Além disso, o músico que canta e toca um instrumento está mais inclinado a valorizar e reconhecer a contribuição dos outros instrumentistas no grupo. Tendem a ter uma mentalidade mais de time, como é o caso do Frejat, do Paulinho Moska, do Lobão, da Ana Carolina, do Milton Nascimento, da Maria Gadú, do Marcos Valle, do Leoni e de tantos outros com quem já trabalhei.

No caso do Frejat, com quem você trabalha há muitos anos, há uma química especial. O que aprendeu de mais importante com ele?

Frejat é um dos caras mais bacanas com quem já trabalhei. Não apenas é um hit-maker que domina a linguagem do pop rock, mas é um sujeito de caráter íntegro, um grande ser humano. Canta muito, toca guitarra de verdade e compôs pérolas do cancionário popular brasileiro recente. É um privilégio trabalhar e conviver com ele há tanto tempo – desde 2001, ano em que iniciou sua carreira solo. O entrosamento foi naturalmente crescendo com o tempo, mas já havia uma química promissora logo de saída. Frejat mantém uma dinâmica de banda, mesmo em sua carreira solo, e está sempre aberto às sugestões do grupo, tanto nos arranjos das canções como na escolha do repertório, organização do set list etc. Todas as ideias são testadas pelo menos uma vez. É óbvio que se trata do trabalho dele e o Frejat tem poder de veto sobre as sugestões de todos. Mas, sabiamente, ele só lança mão desse poder quando tem certeza de sua escolha. Apreendi muita coisa com o Frejat, mas as principais são como ser um bom líder, como conduzir a carreira e como sustentar a ética profissional.

Em geral, os artistas pedem para você seguir arranjos predeterminados ou dão liberdade para criar linhas e inserir pequenos improvisos?

Isso varia de acordo com o artista. Há aqueles que contam com a criatividade dos músicos da banda, incentivando-a e se alimentando dela. Há também os que querem controlar até onde você vai tocar determinada nota. Em minha experiência, pude observar que, frequentemente, os mais inseguros são os mais controladores. Sentir que tem controle sobre tudo que está sendo tocado parece lhes dar a segurança de que tudo vai correr bem ou de

que eles são senhores absolutos de sua obra. Os mais relaxados sabem que a fluidez e a liberdade de expressão são muito apreciadas pelos músicos e refletirão positivamente no resultado final. O Sting dá um depoimento muito interessante sobre isso em um dos seus DVDs, explicando por que tem o cuidado de separar momentos em seu set list para que cada um na sua banda brilhe. Em última análise, ele diz que esse brilho se reflete em seu som.

Dito isso, reitero que é da maior importância ouvir e respeitar as solicitações específicas que o artista nos faz, porque, afinal de contas, estamos ali para realizar a visão musical dele. Quanto melhor fizermos isso, mais vezes seremos chamados de novo. Há uma anedota engraçada sobre esse tema, protagonizada por um artista brasileiro que admiro muito. Em um ensaio ou uma gravação, um dos músicos da banda insistia em tocar uma frase num determinado ponto que incomodava o artista. Quando o instrumentista foi questionado, argumentou que era uma ideia incrível, supermusical. Ao que o artista respondeu: “Gostou? Guarda para o seu disco!”. É claro que o artista tinha razão. Tocar a favor da música é um aprendizado para toda a vida, principalmente porque a visão do que é ideal para uma canção é altamente subjetiva. Em última instância, vale a visão de quem tem o nome na capa do CD ou no ingresso do show. Daí vem a necessidade fundamental do exercício da humildade e da capacidade de adaptação estética, sempre!

Quase todo músico que já trabalhou como sideman destaca as mesmas características básicas para fazer um bom trabalho: conhecer e respeitar o repertório do artista, não exibir técnica exageradamente, tocar de acordo com o contexto e ter postura profissional, boa comunicação pessoal e ótima convivência com outros músicos. Mas, em termos práticos, qual o caminho para entrar nesse mercado?

É um caminho sem atalhos, que passa pela dedicação integral e incondicional ao instrumento. É preciso ter talento, mas também investir nele, e isso a gente faz praticando, “ralando” com o instrumento, estudando harmonia, percepção, piano, arranjo e aprendendo a cantar direitinho, mesmo que seja só para fazer um vocal de apoio decente. Tudo isso agrega valor ao músico. É muito importante estar preparado para o trabalho que se almeja e ter os ouvidos sempre abertos – conhecer diversos estilos de música, mesmo aqueles que, a princípio, não nos interessam. Nós, baixistas, levamos ampla vantagem sobre outros instrumentistas, devido à natureza solidária do nosso instrumento, que, na maior parte do tempo, provê os alicerces harmônicos e rítmicos da música. O baixo está ativo durante toda a canção, tocando o tempo todo e, consequentemente, “ouvindo” o tempo todo. Ouvir é da maior importância. É o que nos possibilita encontrar os espaços onde inserir um comentário que enriquece a canção. Não por acaso, nove entre dez diretores musicais das gigs

DICAS DE BRUNO MIGLIARI

O baixista deu conselhos importantes a quem deseja tocar baixo profissionalmente.

- › Pergunte a si mesmo o quanto deseja essa carreira e o quanto está disposto a se dedicar. É preciso querer a ponto de esse desejo se tornar uma necessidade. Dedique-se até produzir bolhas e calos e deixar as digitais ilegíveis [r/sos]! Mas as recompensas são maravilhosas. Nunca me imaginei fazendo outra coisa e fiz essa opção quando tinha apenas 14 anos e estava começando a tocar.
- › Ouça de tudo, mas sem esquecer aquilo que você mais curte. É muito bom ser versátil, mas a gente sempre toca melhor aquilo que ressoa em nossa alma.
- › Frequente uma boa escola de música, tenha aulas particulares com baixistas que você admira e estude música a fundo, não apenas as características do nosso instrumento. Música é maior do que o instrumento. É uma forma de arte, uma linguagem. O baixo é um veículo maravilhoso – o mais incrível deles, em minha opinião –, mas ainda assim é apenas uma das milhares ferramentas musicais.
- › Estude também percepção, teoria, solfejo, leitura, harmonia. Em um estágio mais avançado, recomendo também o estudo de piano, composição e orquestração/arranjo.
- › Faça amizade com o metrônomo, o “fiscal do groove”. É um cara bom de se ter “no bolso”.



de maior sucesso são baixistas. Por fazermos parte da base e o baixo ser um instrumento rítmico, harmônico e melódico, entendemos bem como a música funciona e como os diversos instrumentos interagem. Estamos habituados a cooperar, dar suporte.

Estender esses valores ao nível dos relacionamentos humanos pode ajudar muito, porque a música é uma arte coletiva, pois a produzimos quase sempre em grupo. É importante saber conviver, respeitar as dificuldades e limitações dos outros e as suas próprias. Além disso, é preciso saber superar os atritos que fazem parte de qualquer relação humana, porque eles podem acontecer nos melhores ambientes. Ser um músico de alto nível é imprescindível, mas ser uma pessoa bacana pode ajudar muito.

Fale sobre sua atuação no programa *The Voice Brasil*. Como foi a rotina de ensaios?

Foi um projeto muito bacana e intenso, com volume de trabalho impressionante. Até o final dessa temporada, acho que criamos e executamos mais de 200 arranjos. Trabalhamos diariamente, a maior parte do tempo elaborando e gravando os arranjos das canções de todos os candidatos, dos técnicos e dos auxiliares. Havia um dia de ensaios com os candidatos por semana, um dia para ensaiar o programa que seria exibido e, finalmente, o dia da gravação do programa, que, na fase final, era transmitido ao vivo aos domingos. Éramos uma única banda tocando tudo o que se ouvia no programa. Isso atestou a competência e versatilidade desse time: Serginho Melo (bateria), Leonardo Reis (percussão), Jorjão Barreto e Sérgio Villarim (teclados) e Rodrigo Nogueira e Marco Vasconcellos (guitarras e violões), além de mim, nos baixos elétrico, acústico e vertical. Cinco produtores musicais dirigiam os arranjos: Lincoln Olivetti, Marcelo Sussekind, Torcuato Mariano, Vini Rosa e Alexandre Castilho. O Lincoln se dedicava exclusivamente às canções dos técnicos [Lulu Santos, Carlinhos Brown, Daniel e Claudia Leitte], auxiliares técnicos [Ed Motta, Luiza Possi, Rogério Flausino e Preta Gil] e convidados [Ivete Sangalo, Alexandre Pires, Margaret Menezes e Erasmo Carlos]. Sussekind fez os arranjos para os candidatos do time do Lulu, Torcuato ficou com o time da Claudia, Vini fez o time do Daniel e o Castilho esteve com o time do Brown.



Foi trabalho pacas, e supervariado: só na primeira fase do projeto, gravamos 105 arranjos ao longo de um mês. No programa rolou desde Cartola até Pearl Jam, de Roberto Carlos a Amy Winehouse. Frequentemente, eu gravava no mesmo dia uma música de Precision, com o dedo, passava para o upright para registrar uma salsa, pegava o cinco-cordas para tocar um R&B, voltava para o Precision para gravar um rock de palheta e fechava o dia fazendo baixo acústico com arco. Cada produtor tinha seu método: alguns levavam a partitura do baixo totalmente

escrita, nota por nota, sem cifras; outros misturavam cifra e notas; outros colocavam apenas algumas cifras no papel; e havia também quem não escrevesse absolutamente nada e deixasse a nosso encargo resolver o que tocar, limitando-se a dar direcionamentos e sugestões aqui e ali. O incrível é que, independentemente da metodologia, os resultados foram sempre muito bons, a não ser por raríssimas exceções. Foi fascinante ver como tudo passou do planejamento à realidade, acompanhar a evolução dos candidatos, as surpresas que muitos deles apresentaram, os talentos que despontaram... Foi uma aventura proveitosa e aprendi muito no processo.

E quanto à exposição em um grande canal de televisão?

Espero que a exposição televisiva “valorize o passe” dos músicos na banda. Há pouca gente com tanta versatilidade e eficiência no mercado, e esse grupo demonstrou isso. Só havia dois pontos negativos em estar envolvido no **The Voice Brasil**: eu era forçado a recorrer ao meu substituto para os shows do Frejat que coincidiam com a agenda do programa. Além disso, passava um total de três horas por dia no carro, indo e vindo do estúdio The Voice, no Projac. Pelo menos tinha tempo de ouvir uns dois CDs por dia!

Fale sobre alguns de seus projetos autorais, como o Bruno Migliari Trio, o 8VB [lê-se “oitava abaixo”] e o 11 Cabeças.

Este ano, quase não pude me dedicar aos meus projetos pessoais, todos de inclinação jazzística. O 8VB nasceu do disco **Amicizia**, que lancei em 2007 com meu grande parceiro, o guitarrista italiano Chester Harlan. É um quinteto com abordagem fusion, no qual toco minhas composições e de músicos que são referência para mim, como Jaco Pastorius, Herbie Hancock, Stevie Wonder, Wayne Shorter e John Coltrane, sempre com a intenção de fundir jazz com funk e música brasileira. Até canto algumas músicas, embora seja um trabalho fundamentalmente instrumental.

O Bruno Migliari Trio veio da necessidade de apresentar meu trabalho em um formato mais compacto e aproveitei para propor uma abordagem não-ortodoxa aos standards de jazz que curto – coisas de Miles Davis, Tom Jobim e John Scofield, além de Jaco, Herbie e Shorter –, intercalando-os com canções de classic rock, como Jethro Tull, Led Zeppelin, Beatles e King Crimson. Aproximo as duas linguagens por meio do que chamo de “jazz atmosférico”. Nesse projeto, conto com meus parceiros mais frequentes nas gigs desde 1995: o guitarrista Billy Brandão e o baterista Marcelinho da Costa. Nós três somos a base da banda do Frejat e fomos também dos grupos do Lobão e Paulinho Moska. No trio, uso exclusivamente meu upright elétrico, mais adequado às explorações de efeitos que faço em busca do tal “jazz atmosférico”. O resultado é bem interessante, um jazz psicodélico com uma agressividade rock’n’roll.

O 11 Cabeças é o projeto do qual mais me orgulho. Lançamos um único disco em 2004, mas o resultado até hoje me deixa feliz. Foi uma iniciativa do meu grande amigo e parceiro Henrique Band, um arranjador muito criativo e saxofonista sensacional. Tornei-me seu maior colaborador no projeto, contribuindo com arranjos, coproduzindo o CD e codirigindo a banda com ele. O grupo tem 11 músicos, um time de craques com alguns dos melhores instrumentistas brasileiros. No momento, o projeto está “na geladeira”, mas qualquer hora ressuscitamos essa pequena grande orquestra. **BP**